

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Fatianny de Almeida Ferraz

DO PIBID À PRÁTICA: EXPERIÊNCIAS, APRENDIZADOS E REFLEXÕES NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Juiz de Fora
2025

Fatianny de Almeida Ferraz

**DO PIBID À PRÁTICA: EXPERIÊNCIAS, APRENDIZADOS E REFLEXÕES NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, no âmbito da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Mylene Cristina Santiago.

Juiz de Fora
2025

AGRADECIMENTOS

A CONCLUSÃO DESTE TRABALHO REPRESENTA NÃO APENAS UMA CONQUISTA ACADÊMICA, MAS TAMBÉM O REFLEXO DE UMA CAMINHADA REPLETA DE DESAFIOS, APRENDIZADOS E APOIO INESTIMÁVEL DE PESSOAS ESPECIAIS.

PRIMEIRAMENTE, AGRADEÇO A DEUS, POR ME DAR FORÇA E PERSEVERANÇA PARA ENFRENTAR CADA ETAPA DESSA JORNADA.

AOS MEUS FAMILIARES, PELO AMOR INCONDICIONAL, INCENTIVO E COMPREENSÃO NOS MOMENTOS DE CANSAÇO E INCERTEZA. VOCÊS FORAM MINHA BASE E MINHA MOTIVAÇÃO PARA SEGUIR EM FRENTE.

À MINHA ORIENTADORA, PELO SUPORTE ESSENCIAL, PELAS VALIOSAS CONTRIBUIÇÕES E PELA PACIÊNCIA AO LONGO DESSE PROCESSO. SEU CONHECIMENTO E DEDICAÇÃO FORAM FUNDAMENTAIS PARA A CONSTRUÇÃO DESTE TRABALHO.

AOS COLEGAS E AMIGOS, QUE ESTIVERAM AO MEU LADO COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E ALEGRIAS. A TROCA DE SABERES E O APOIO MÚTUO TORNARAM ESSA CAMINHADA MAIS LEVE E ENRIQUECEDORA.

AOS EDUCADORES E ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA), QUE ME INSPIRARAM COM SUAS HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO E RESISTÊNCIA. ESTE TRABALHO É, ACIMA DE TUDO, UMA HOMENAGEM A VOCÊS, QUE DEMONSTRAM DIARIAMENTE O PODER TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO.

AO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID), POR PROPORCIONAR UMA EXPERIÊNCIA ENRIQUECEDORA E TRANSFORMADORA EM MINHA FORMAÇÃO DOCENTE.

POR FIM, A TODOS QUE, DIRETA OU INDIRETAMENTE, CONTRIBUÍRAM PARA QUE ESTE TRABALHO SE TORNASSE REALIDADE, MEU MAIS SINCERO AGRADECIMENTO.

RESUMO

O trabalho “DO PIBID À PRÁTICA: EXPERIÊNCIAS, APRENDIZADOS E REFLEXÕES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS” investiga as experiências de estudantes da educação de jovens e adultos (EJA), com ênfase nas histórias de superação e nos desafios enfrentados por esses indivíduos. A pesquisa se baseia na participação no programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID), no subprojeto de pedagogia EJA da Universidade Federal de Juiz De Fora (UFJF), e reflete sobre os impactos da educação na vida de adultos marginalizados. A pesquisa se concentra nas trajetórias de vida e examina como a EJA representa uma oportunidade de transformação tanto social quanto pessoal. A autora se inspira nos princípios pedagógicos de Paulo Freire, que vê a educação como uma prática de emancipação e conscientização. O trabalho busca compreender a educação não apenas como a transmissão de conhecimento, mas como um processo que promove liberdade e reflexão crítica.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. PIBID. Paulo Freire. Pedagogia

INTRODUÇÃO

Meu interesse pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) despertou durante uma disciplina obrigatória de alfabetização em 2022, inicialmente voltada para o processo de alfabetização infantil. Essa experiência me levou a refletir sobre a alfabetização de adultos e sua importância para a inclusão social e educativa. Motivado por esse questionamento, procurei aprofundar meus conhecimentos sobre a EJA nas disciplinas oferecidas pela grade curricular. Contudo, constatei que o currículo dedicava poucas horas a essa modalidade, evidenciando a limitada atenção dada à EJA, apesar de sua relevância para a alfabetização e a educação de indivíduos que não tiveram acesso à escolarização na idade apropriada.

Com o passar do curso, surgiu em mim o desejo de realizar um estágio não obrigatório na EJA, buscando vivenciar na prática essa modalidade educativa. No entanto, enfrentei uma grande dificuldade: a ausência de oportunidades remuneradas nesse campo. Essa barreira foi determinante, pois, naquele momento, eu dependia de um estágio remunerado para arcar com minhas despesas, incluindo o aluguel. Essa experiência reforçou minha percepção sobre os desafios enfrentados por quem deseja atuar na EJA, tanto no âmbito acadêmico quanto no profissional.

Em um momento marcante da minha trajetória acadêmica, foi anunciado o primeiro Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Alfabetização na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Decidi participar do processo seletivo, mesmo sem grandes expectativas. No final de março, recebi a notícia de que havia sido aprovada, o que me trouxe uma mistura intensa de emoções. Por um lado, senti uma imensa alegria ao perceber que estava investindo em minha formação, carreira e prática docente. Por outro lado, fui tomada por um sentimento de despedida, pois para ingressar no PIBID precisei deixar uma turma de 24 crianças que acompanhei por quase dois anos.

Essas crianças não eram apenas alunos, mas parte essencial da minha construção como educadora. Criamos um vínculo especial, e elas contribuíram significativamente para o meu crescimento profissional e pessoal. Essa decisão representou um momento de amadurecimento, no qual precisei renunciar a algo que amava para perseguir meus objetivos e sonhar com um futuro promissor. Hoje, ao revisitar essa escolha, reconheço o quão importante foi seguir em frente. Foi a partir desse passo que iniciei uma jornada de crescimento e realização profissional.

Este trabalho tem como propósito explorar os desafios, histórias de superação e possibilidades transformadoras na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com base na experiência vivenciada no PIBID, por meio do subprojeto Pedagogia EJA da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a pesquisa reflete sobre o impacto dessa modalidade de ensino na vida de indivíduos que tiveram sua trajetória escolar interrompida. A partir dessa experiência, busca-se evidenciar o papel essencial da EJA na promoção de oportunidades educacionais e no resgate de histórias pessoais e coletivas.

Dividido em seções que dialogam com diferentes aspectos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), este trabalho destaca como essa modalidade vai além da alfabetização, funcionando como um espaço de emancipação social e pessoal. A primeira seção, "PIBID: relato de experiência na Educação de Jovens e Adultos", explora como a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) busca aprofundar o conhecimento sobre a realidade da EJA. As experiências práticas em sala de aula, durante o processo de iniciação à docência, trouxeram reflexões significativas sobre a relação entre teoria e prática na formação docente.

Na seção "Histórias de superação: o protagonismo dos estudantes da EJA", são apresentadas narrativas sobre as trajetórias de vida, marcadas por situação de resiliência dos estudantes da EJA, cujas dificuldades socioeconômicas e pessoais impediam a continuidade de seus estudos. Esta seção analisa o papel transformador da educação no resgate de sonhos e na busca por uma vida mais digna. Em "Histórias de Vida", o foco é nas memórias e vivências dos educandos, consideradas elementos centrais do processo educativo. Aqui, destaca-se o valor da subjetividade e das experiências individuais para a construção de uma pedagogia significativa e inclusiva.

"A Metáfora do Semeador e da Planta no Processo de Aprendizagem do EJA" utiliza uma imagem rica para ilustrar a trajetória dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A metáfora da semente representa a potencialidade latente em cada educando, enquanto a planta que floresce simboliza a realização pessoal e social que a educação pode proporcionar. Essa abordagem destaca o papel transformador da educação no desenvolvimento de indivíduos conscientes e ativos em sua própria emancipação.

Na seção "Pedagogia do Oprimido: a atualidade de Paulo Freire no contexto da EJA", buscamos refletir sobre a EJA como um espaço de resistência e libertação. Nessa perspectiva, a educação é vista como um instrumento de transformação social, permitindo que os sujeitos historicamente oprimidos recuperem sua voz e se tornem protagonistas de suas próprias histórias. Ao valorizar suas vivências e potencialidades, o processo educativo rompe com as

estruturas opressoras e promove uma conscientização crítica que possibilita a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, "Reflexão Sobre a Experiência como Processo Formativo Docente" apresenta as aprendizagens e transformações da autora enquanto docente em formação, destacando o impacto da prática pedagógica na construção de uma visão mais crítica e sensível sobre a EJA. Por meio dessas reflexões, o trabalho busca demonstrar a importância da EJA como um espaço de inclusão e superação, reforçando seu papel essencial na promoção da cidadania, igualdade e dignidade para todos os educandos.

PIBID: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O Programa de Bolsas de Iniciação à Docência, oferecido pela CAPES, proporciona aos estudantes de licenciatura uma experiência direta em sala de aula, permitindo o contato com o ato de lecionar e ampliando a discussão teórica sobre a profissão docente, além de aprofundar os conhecimentos específicos de cada área de atuação dos subprojetos.

A bolsa concede aos bolsistas uma interação entre os alunos em formação, os professores acadêmicos e os do ensino básico, incluindo também os educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), contribuindo significativamente para a qualidade da formação docente e para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas envolvidas. O Programa tem como objetivo principal estabelecer uma maior integração entre as instituições formadoras e as escolas de educação básica, proporcionando aos estudantes de licenciatura uma imersão no ambiente escolar, que será o campo de sua atuação profissional futura.

Na graduação do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, temos como componente curricular cinco estágios obrigatórios nas áreas de educação infantil, anos iniciais, alfabetização, educação de jovens e adultos e gestão escolar. Entretanto, a carga horária exigida em tais estágios não são suficientes para um aprofundamento teórico nem prático. Sendo assim, ter a oportunidade de participar de um programa como o PIBID significa uma valorização da docência enquanto profissão e valorização do aluno em formação.

Ao entrar no programa, eu nada sabia sobre a realidade da EJA. Minha visão era completamente estigmatizada em relação ao ambiente escolar e aos educandos, visão essa que logo nas primeiras reuniões foi substituída, após leituras e estudos com aportes teóricos onde foi possível compreender a EJA como um campo de direito de pessoas que tiveram esse retirado durante suas trajetórias de vida e um campo de responsabilidade pública.

Ao longo das aulas, acompanhando ativamente a professora supervisora, soube quem eram aqueles sujeitos que os textos diziam. Pessoas marginalizadas, esquecidas e negligenciadas pelo Estado. Pessoas que, cada uma por seus motivos pessoais, buscam na escolarização uma oportunidade de melhorar de vida, de realizar sonhos e que, aos poucos, vão se tornando críticos sobre a razão de estarem concretizando os estudos de forma tardia.

Em colaboração com os supervisores, os bolsistas receberam orientações para a elaboração de projetos institucionais que conduziram a uma série de ações visando a integração de diversas atividades planejadas. O foco dessas ações era a transformação dos próprios bolsistas, preparando-os para sua futura carreira docente. Partimos do pressuposto de que a formação de professores não é um processo trivial que ocorre apenas durante a presença do estudante na escola. Foi possível perceber que a docência não se resume apenas a oferecer oportunidades de prática em sala de aula, mas também envolve compartilhar experiências profissionais, interagir com os diversos atores do ambiente escolar, participar das atividades oferecidas pela escola e refletir sobre essas experiências.

HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO: O PROTAGONISMO DOS ESTUDANTES DA EJA

Durante o curso de Pedagogia, é amplamente abordada a importância do lúdico na infância, pois ele oferece às crianças oportunidades valiosas para desenvolverem-se em diversos aspectos, promovendo seu crescimento, socialização e aprendizado por meio de atividades variadas e divertidas. No entanto, reconhecemos que essa visão de infância não é universalmente compartilhada por todas as sociedades.

Um autor conhecido por seu trabalho sobre a história da infância que nos ajuda a pensar nesse sentido é Philippe Ariès, um historiador francês. Em sua obra "História Social da Criança e da Família", Ariès argumenta que a concepção moderna de infância como uma fase de inocência e proteção não existia em toda sociedade. Em vez disso, ele sugere a existência de múltiplas "infâncias", que variavam de acordo com a classe social e o contexto histórico.

Baseado na linha de raciocínio do historiador, nas sociedades pré-modernas, as crianças não eram consideradas como tendo um status separado dos adultos. Eram vistas como mini-adultos e eram muitas vezes submetidas a condições difíceis de vida, trabalho árduo e cuidados mínimos. Em algumas culturas e períodos históricos, as crianças eram tratadas como adultos desde muito jovens. Eles eram esperados para trabalhar, contribuir para o sustento da família e participar das responsabilidades do lar.

Embora estejamos discutindo contextos históricos passados, ainda hoje podemos identificar semelhanças entre as realidades da infância descritas e o público da Educação de Jovens e Adultos. Os sujeitos da EJA podem ter vivenciado uma infância marcada por diversas dificuldades socioeconômicas, levando-os a interromper ou não completar sua educação formal na idade considerada padrão.

Muitos enfrentaram desafios familiares, como a necessidade de trabalhar desde cedo para contribuir com a renda familiar, assumir responsabilidades domésticas ou lidar com outras circunstâncias que limitam seu acesso à educação. Assim, os sujeitos da EJA trazem consigo uma diversidade de experiências e vivências de infância, frequentemente marcadas por desafios e obstáculos que influenciaram sua trajetória educacional. Essas experiências moldaram suas motivações e necessidades enquanto buscam educação e desenvolvimento pessoal na vida adulta.

O papel crucial da EJA é proporcionar a esses sujeitos a oportunidade de retomar seus estudos, superar as barreiras enfrentadas e alcançar seus objetivos educacionais e profissionais. Ao oferecer um ambiente de aprendizado inclusivo e adaptado às necessidades específicas desses adultos, a EJA desempenha um papel essencial na promoção da igualdade de oportunidades educacionais e no fortalecimento das comunidades.

Histórias de vida: memórias e narrativas

As lembranças guardadas em nossa memória vão construindo nossa história, tornando-nos singulares pelas experiências vividas. Mesmo que enfrentemos as mesmas situações que outras pessoas, sempre existirão diferenças nas percepções, pois somos seres únicos, com identidades próprias. A própria experiência de si, como explica Larrosa (1994, p. 43), é o resultado de um complexo processo histórico de fabricação, no qual se entrecruzam discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua interioridade.

Os sujeitos que não foram inseridos no contexto escolar na idade considerada própria desenvolvem seus aprendizados de vida por meio de mecanismos diferenciados. A vivência, então, se torna a principal fonte de aprendizado, enquanto o estudo se transforma em uma utopia em suas vidas, marcadas por dificuldades que não permitem o espaço para a infância. Nesse cenário, a infância é substituída por uma adultez precoce, onde as responsabilidades e desafios exigem maturidade antes do tempo, dificultando a experiência escolar convencional.

Paulo Freire (1996) já defendia a importância de abordar as formações a partir da história dos aprendizes. Entre os educadores, é amplamente reconhecida a necessidade de valorizar os educandos com base no contexto em que estão inseridos, considerando e

respeitando as experiências de cada sujeito. O papel do educador, nesse sentido, é não apenas transmitir conhecimento, mas também aprender com a realidade de seus alunos. Ensinar, portanto, exige do educador uma disponibilidade constante para lidar com as questões e vivências dos educandos, reconhecendo suas histórias e realidades como fundamentais para o processo de aprendizagem.

Contar uma história, portanto, é revivê-la, senti-la, emocionar-se e trazer à tona o tempo que ficou retratado na memória. Dessa maneira, busco analisar as experiências vividas por alguns estudantes, trazendo suas histórias para a nossa história, permitindo que cada indivíduo se apresente através de suas lembranças. Segundo Silva (2007, p. 31), "a experiência de relatar sua história de vida oferece àquele que a conta uma oportunidade de (re)experimentá-la, ressignificando sua vida".

Neste trabalho, os protagonistas centrais são dois estudantes da EJA anônimos, cujas histórias me fizeram imaginar e também participar de suas vidas através de suas narrativas, cujas trajetórias fizeram parte da minha história e com as quais tive o privilégio de aprender e crescer. A convivência com esses dois alunos não apenas influenciou minha compreensão sobre a realidade da EJA, mas também contribuiu de maneira significativa para a reflexão sobre os desafios e conquistas dessa modalidade de ensino. Esses estudantes, com suas diferentes vivências, trajetórias e olhares sobre o mundo, representaram o impacto transformador que a educação pode exercer na vida dos indivíduos.

Através de suas histórias, fui capaz de imaginar e me envolver nas suas vidas, vivenciando, de certa forma, as dificuldades, as conquistas e as superações que caracterizam o universo do EJA. As histórias desses dois estudantes foram compartilhadas por meio de relatos, e suas experiências serviram de inspiração para que eu pudesse participar, mesmo que de forma indireta, das suas jornadas de aprendizagem e transformação. Assim, os sujeitos desta história que tive o privilégio de acompanhar de perto, formam um conjunto que reflete a diversidade e a complexidade do processo educacional na EJA.

A METÁFORA DO SEMEADOR E DA PLANTA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO EJA

No contexto da EJA a metáfora do *semeador e da planta* ilustra o processo de transformação dos alunos. Inicialmente, o aluno é comparado a uma semente que, embora carregue potencial, encontra-se em um estado de espera, limitado ao seu próprio universo, sem acesso ao conhecimento que poderia expandir sua visão de mundo. A terra representa o

ambiente escolar, que oferece as condições necessárias para o desenvolvimento, mas que, no começo, ainda não desperta as possibilidades de aprendizagem e cidadania do aluno.

Com o tempo, o aluno começa a germinar, como a planta que brota em direção à luz. Este momento simboliza o início da descoberta do mundo das letras, dos números e do conhecimento. É uma fase de transição, de desafios e de libertação, onde o aluno começa a expandir sua percepção do mundo, desenvolvendo uma nova capacidade crítica e a busca por sua autonomia. Ao crescer, o aluno, tal como a planta, fortalece-se, passando a compreender-se como sujeito ativo e capaz de interagir de maneira transformadora com a sociedade.

Como Freire (1996) destaca, a educação no EJA não é apenas a aquisição de saberes, mas um processo de emancipação e conscientização. O aluno, ao aprender a ler e a escrever, conquista a liberdade de entender o mundo de maneira mais ampla e de exercer sua cidadania de forma plena. Assim, a metáfora do *semeador e da planta* simboliza a jornada do aluno da EJA, que passa de um estado de potencialidade para uma realidade de expressão e transformação, conquistando seu espaço no mundo com um olhar crítico e ativo.

Em síntese, a metáfora do *semeador e da planta* reflete a ideia de que, ao ingressar no processo de educação, o aluno da EJA passa de um estado de potencialidade para uma realidade de expressão, interação e transformação. Ele, como a planta que cresce e floresce, conquista sua liberdade e seu espaço no mundo, sendo capaz de agir e influenciar a sociedade de maneira consciente e crítica.

A seleção dos dois estudantes participantes desta história foi realizada com base na semelhança das suas vivências e na visão compartilhada que possuem sobre o papel da escola em suas vidas. Ambos representam diferentes aspectos da experiência vivida pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas possuem em comum a busca por uma educação que vá além do mero aprendizado, enxergando-a como um meio para a transformação social e pessoal. A escolha desses estudantes reflete o desejo de dar visibilidade a histórias que, embora diferentes, convergem para uma compreensão crítica e emancipatória da educação, alinhada com os princípios defendidos por Paulo Freire.

Freire (1996) destaca que a educação deve ser um ato de liberdade e transformação, onde os alunos não são meros receptores de conteúdo, mas sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento. No caso dos dois estudantes selecionados, suas narrativas ilustram trajetórias desse processo.

Inicialmente, a proposta consistia em realizar uma entrevista com os alunos da turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) que se disponibilizassem durante o intervalo das aulas.

Durante a elaboração dessa atividade, contei com o apoio da professora supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que colaborou no planejamento das perguntas que seriam feitas. Foram preparadas as seguintes questões para nortear a entrevista:

1. Quem é você?
2. Por qual motivo não concluiu os estudos anteriormente?
3. Por qual motivo buscou a EJA?
4. Quais são suas maiores dificuldades para conseguir estudar?
5. Qual é a sua maior inspiração?
6. O que você deseja alcançar ao finalizar a educação básica?

A expectativa inicial para a realização dessa atividade era bastante positiva. Estava entusiasmada com a ideia de interagir com os alunos e conhecer suas histórias, acreditando que, devido ao ambiente acolhedor criado ao longo do processo do PIBID, a maioria participaria de forma aberta e engajada. No entanto, ao colocar a proposta em prática, percebi que a realidade era bem diferente.

Apesar de parecerem perguntas simples, para muitos alunos essas questões despertavam memórias dolorosas, remetendo a um passado que preferiam não revisitar. Além disso, o intervalo, momento sugerido para a realização das entrevistas, era considerado sagrado por grande parte dos alunos, pois era quando a escola oferecia o almoço, uma oportunidade crucial para muitos. Esses fatores fizeram com que a adesão à atividade fosse menor do que o esperado.

Estar diante dessa realidade revelou mais uma faceta da EJA e das complexidades que envolvem os alunos desse segmento. Muitos deles enfrentam dificuldades em reconhecer seus próprios esforços, carregam sentimentos de vergonha e acreditam que já perderam tempo demais em suas trajetórias escolares. A baixa autoestima e o medo de reviver experiências frustrantes ou dolorosas tornam o processo educacional ainda mais desafiador.

Essa experiência reforça a importância de compreender a singularidade de cada aluno da EJA. Mais do que oferecer conteúdos curriculares, é essencial criar estratégias pedagógicas que respeitem seus contextos e fortaleçam sua confiança. O papel do educador vai além do ensino; é preciso acolher, ouvir e valorizar as histórias de vida desses alunos, incentivando-os a reconhecer suas capacidades e a acreditar em um futuro possível, onde a educação seja um alicerce para suas conquistas pessoais e profissionais.

Diante dessa situação, foi necessário realizar uma adaptação na abordagem. Expliquei à turma que o objetivo era conhecer um pouco mais sobre suas histórias e que o anonimato seria

garantido. Assim, perguntei quem estaria disposto a dialogar comigo de maneira alternativa, por meio do aplicativo WhatsApp. Com essa estratégia, muitos se sentiram mais confortáveis, e consegui a participação de quatro alunos. Contudo, desses quatro, apenas dois possuíam acesso ao WhatsApp.

Com os dois alunos que aceitaram participar via WhatsApp, realizei conversas utilizando mensagens de áudio. Durante o diálogo, ambos solicitaram que eu escrevesse e contasse suas histórias a partir do que relataram, preservando suas identidades. Essa abordagem permitiu compreender melhor suas trajetórias e desafios, mesmo diante das limitações impostas pelas circunstâncias.

No Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, as turmas são nomeadas com o nome de pedras preciosas, o que inspira um senso de valor e singularidade em cada grupo. Para preservar o anonimato dos participantes, optei por chamá-los, neste trabalho, de "Diamante" e "Esmeralda". Esses nomes não apenas garantem a confidencialidade, mas também simbolizam a resiliência e a força que cada um demonstrou ao compartilhar suas histórias. A seguir, apresento o relato de vida de ambos, conforme narrado por eles, destacando suas trajetórias e desafios no contexto da EJA.

DIAMANTE

Nascido no interior de Minas Gerais, na década de 1960, Diamante foi criado na roça, onde desde cedo teve que ajudar na lavoura junto com seus irmãos. Sem muitas opções, a vida o conduziu ao trabalho árduo no campo. Somente mais tarde, já em idade avançada, ele e sua família decidiram se mudar para a cidade em busca de melhores condições de vida. Apesar das dificuldades enfrentadas na infância, Diamante não desistiu de seus sonhos. Hoje, mesmo depois de uma vida de trabalho duro, ele está determinado a buscar a educação que lhe foi negada no passado. Seu objetivo é obter a habilitação como taxista, acreditando que isso lhe proporcionará um trabalho digno e uma vida mais estável. A história de Diamante é um testemunho de resiliência e perseverança, demonstrando que, mesmo diante das adversidades, é possível buscar novas oportunidades e transformar o destino através da educação e do esforço pessoal.

ESMERALDA

Nascida em Pernambuco e abandonada por sua mãe, Esmeralda cresceu sob os cuidados de sua avó, sem entender o motivo do abandono materno. Mais tarde, descobriu que foi fruto de

um estupro. Desde cedo, Esmeralda enfrentou as duras realidades das desigualdades sociais e percebeu que, por ser mulher, teria que enfrentar ainda mais desafios em nossa sociedade. Sem a oportunidade de frequentar a escola, Esmeralda foi relegada a realizar tarefas domésticas e trabalhar na fazenda para sustentar sua família. Aos 6 anos, recebeu uma oferta de emprego de uma mulher desconhecida, prometendo oportunidades de trabalho em uma casa de família em troca de um prato de comida. Após a morte de sua mãe adotiva, Esmeralda decidiu aceitar a proposta e migrou para o Rio de Janeiro. Ao chegar na cidade desconhecida aos 11 anos, Esmeralda se viu envolvida em um ambiente de cabaré. Assustada com a situação, recebeu ajuda de uma mulher mais velha para fugir desse lugar. Após o sucesso na fuga, Esmeralda se viu vivendo nas ruas de uma das maiores cidades do país. Temendo pela sua segurança como mulher, Esmeralda começou a se vestir como menino para aumentar suas chances de sobrevivência. Hoje, em busca de autoestima e amor-próprio, Esmeralda está determinada a buscar educação e sonha em um dia cursar uma graduação. Sua história é um testemunho de resiliência e determinação diante das adversidades enfrentadas desde a infância.

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: A ATUALIDADE DE PAULO FREIRE NO CONTEXTO DA EJA

A história de Diamante e Esmeralda refletem trajetórias de superação, resiliência e a busca pela educação como forma de transformação pessoal e social. Ambos viveram realidades marcadas por dificuldades e desigualdades, mas encontraram na educação um caminho para a reinvenção de suas histórias, alinhando-se aos princípios defendidos por Paulo Freire (1996), que vê a educação como um processo contínuo de emancipação e conscientização.

Diamante viveu uma infância marcada pelo trabalho árduo no campo, sem acesso às condições mínimas para estudar. Para ele, a educação era uma possibilidade distante, limitada pela necessidade de trabalhar desde cedo para ajudar a sustentar sua família. No entanto, como Freire destaca, a educação deve ser entendida como um processo contínuo de conscientização e de superação das limitações impostas pela sociedade. Ao decidir buscar a educação em sua fase adulta, Diamante personifica a ideia de que nunca é tarde para aprender e conquistar novos horizontes. Seu objetivo de obter a habilitação como taxista é um exemplo claro do desejo de se tornar sujeito de sua própria história, transformando sua realidade através da educação.

Freire (1996) argumenta que o verdadeiro sentido da educação está na capacidade de se tornar consciente das próprias condições de vida e de agir para modificá-las. Para Diamante, o estudo não é apenas um meio para alcançar um emprego, mas uma forma de superar as limitações de seu passado e garantir uma vida mais digna e estável. Da mesma forma,

Esmeralda, marcada por uma infância difícil e de abandono, foi forçada a amadurecer precocemente e a lidar com as duras realidades de desigualdade social e violência de gênero. Ao ser privada da oportunidade de estudar e, em sua adolescência, enfrentar situações de exploração e marginalização, Esmeralda viu a educação como um meio de encontrar autoestima e autonomia.

Sua busca pela graduação é uma demonstração de sua determinação em reescrever sua história e superar as adversidades que a vida lhe impôs. Ao longo de sua trajetória, percebeu que, como mulher, suas dificuldades eram ampliadas pela sociedade patriarcal que limita suas possibilidades de autonomia. Ao ser forçada a trabalhar desde cedo, sendo privada da oportunidade de estudar, Esmeralda, como muitos outros sujeitos marginalizados, viveu à margem das possibilidades de transformação oferecidas pela educação.

Contudo, sua história também reflete a ideia de Paulo Freire sobre a educação como prática de liberdade. Mesmo diante de tantos obstáculos, Esmeralda não se deixa vencer pelas circunstâncias e, ao buscar uma nova chance de educação, está também buscando a libertação de sua própria história, através do conhecimento. Freire (1996) defende que a educação deve ser um espaço onde os indivíduos possam se reconhecer como sujeitos de sua própria história e agir sobre ela. Assim, o desejo de Esmeralda de cursar uma graduação, de buscar autoestima e amor-próprio através da educação, reflete o anseio de transformação e autonomia.

A trajetória de Esmeralda, marcada por momentos de dor e luta, ilustra a realidade de muitas mulheres marginalizadas, mas também evidencia a força de uma mulher que, mesmo nas condições mais adversas, se recusa a ser silenciada. A educação, para Esmeralda, é uma ferramenta de emancipação, que possibilita a ela o reconhecimento de sua própria voz e a chance de reescrever sua história. Tanto a história de Diamante quanto a de Esmeralda exemplificam o poder da educação em suas vidas. Eles são exemplos vivos do que Freire (1996) descreve como a educação que transforma: ao reconhecerem a educação como um processo de conscientização e emancipação, ambos buscam mudar suas condições de vida, conquistando a autonomia e a liberdade para agir e influenciar a sociedade ao seu redor. Suas histórias demonstram que, apesar dos obstáculos, é possível buscar novas oportunidades e reescrever o próprio destino por meio do conhecimento.

Os sujeitos desta história são frutos da desigualdade social; das dificuldades financeiras; de famílias numerosas, que não tinham condições de trabalhar e estudar e que ignoravam a escola como oportunidade de crescimento; que ainda foram inseridos precocemente no mundo do trabalho, ao trabalho infantil, que nega a criança e seu tempo; que se tornaram adultos antes

mesmo de deixarem de ser crianças; que pularam etapas e que buscam, desesperadamente, resgatá-las; enfim, que tornaram-se borboletas e querem voar alto pelo céu do conhecimento.

REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA COMO PROCESSO FORMATIVO DOCENTE

Vivenciar diariamente as lutas, fragilidades, mazelas, inconstâncias, tristezas, vitórias e alegrias de cada um fazia com que fosse possível perceber o valor e a importância que esses estudantes atribuíam aos nossos encontros em sala de aula. Suas histórias eram profundamente marcadas por descasos familiares, públicos e pela falta de acesso a direitos básicos, os quais deveriam ser garantidos a qualquer cidadão. Era importante observar que, mesmo após dias difíceis e de muito trabalho, eles estavam sempre presentes, com alegria e empolgação. Aprendi, inclusive, a dar mais valor emocional e afetivo a coisas que antes considerava pequenas. Também percebi que, mesmo dentro de uma única classe social, há diferentes níveis de pobreza, e que essas desigualdades ainda são muito evidentes para alguns.

Além disso, essa experiência me ajudou a entender melhor um dos muitos mundos da EJA, composta majoritariamente por sujeitos que estão sempre correndo atrás de algo perdido - seja físico, mental, emocional, financeiro ou escolar. Eles se veem na constante obrigação de um produtivismo escolar que nunca se encerra, mesmo após realizar atividades como copiar, ler, escrever, somar, subtrair, multiplicar e dividir. O desejo de não avançar na etapa escolar nos mostrava, dia após dia, as inseguranças trazidas por histórias de vida que os impedem de seguir em frente. O desafio, portanto, vai além de ensiná-los; é preciso convencê-los de que eles já sabem.

Essa vivência também me permitiu refletir profundamente sobre o conceito de *saber de experiência*, que Jorge Larrosa Bondía (2002) explora em sua obra. Para o autor, a experiência não é apenas o ato de vivenciar, mas também a forma como conseguimos atribuir significado às vivências, aprendendo e refletindo sobre elas. Ele argumenta que a experiência se constitui no momento em que o sujeito se depara com o que lhe é dado a viver, mas também no processo de significação que se segue, ou seja, quando aquilo que foi vivido é apropriado e reconfigurado pelo sujeito em seu contexto e em sua prática.

Ao observar a realidade dos alunos da EJA, percebi que cada um deles trazia um vasto “saber de experiência” que não era necessariamente valorizado pelo sistema educacional tradicional, mas que se manifestava de forma potente em suas histórias de vida. Ao longo do processo educativo, esses estudantes estavam não só adquirindo novos saberes acadêmicos, mas

também trazendo à tona os saberes acumulados em suas trajetórias. Essa troca de saberes, entre a experiência dos alunos e as propostas pedagógicas da escola, configura o verdadeiro aprendizado, que, segundo Larrosa Bondía (2002), é aquele que emerge da vivência e da reflexão sobre o vivido.

A experiência na EJA, portanto, não se limita ao domínio dos conteúdos curriculares, mas se expande para a valorização da história de vida do estudante e do reconhecimento da sua experiência como fonte legítima de conhecimento. O verdadeiro desafio para o educador, como destacou Larrosa Bondía (2002), é saber escutar e integrar esses saberes ao processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo que, além do conhecimento formal, a experiência de vida é um saber vital que deve ser respeitado e considerado em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões provocadas por este trabalho sugerem que é fundamental destacar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como um campo marcado por constantes disputas de interesses. Ser educando e educador dessa modalidade é, antes de tudo, um ato de resistência, luta e coragem. Envolve acreditar firmemente no processo contínuo de construção do conhecimento e na ideia do "inacabamento" do ser, conceito que Paulo Freire aborda em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996). A EJA nos desafia a compreender que a aprendizagem não tem um fim predeterminado, mas é uma jornada permanente, em que cada experiência e cada encontro são parte essencial da formação dos sujeitos.

Nesse contexto, tanto os educandos quanto os educadores se veem imersos em um processo de aprendizagem que vai além do conteúdo acadêmico tradicional. Trata-se de um espaço de ressignificação de histórias de vida, onde o conhecimento não é apenas transmitido, mas construído de forma colaborativa, reconhecendo as experiências e as necessidades de cada indivíduo. A EJA, portanto, não é apenas um lugar de superação das lacunas educacionais, mas também de valorização da história, da cultura e das vivências de cada aluno, que traz consigo um rico repertório de saberes e experiências.

A luta, nesse contexto, é duplamente desafiadora: por um lado, há a necessidade de combater as desigualdades sociais e educacionais que têm historicamente marginalizado esse público; por outro, há a constante busca por uma pedagogia que respeite a individualidade dos alunos, promovendo um aprendizado significativo e transformador. A coragem aqui não está apenas em continuar a busca por uma educação de qualidade, mas também em transformar a

EJA em um espaço onde a dignidade, os direitos e as aspirações dos educandos sejam respeitados e fortalecidos.

Portanto, ser parte da EJA é estar consciente de que o processo educacional nunca está completo. Ele é dinâmico, multifacetado e repleto de desafios, mas também é profundamente enriquecedor. É um caminho de construção mútua, onde educadores e educandos crescem juntos, em um movimento constante de aprendizagem e superação.

Essa experiência permitiu que nossa formação ganhasse identidade e estabelecesse conexões significativas com a cultura escolar, possibilitando-nos não apenas integrar, analisar e criticar essa cultura, mas também representá-la. Além das atividades escolares, participamos de diversas atividades extracurriculares, como idas ao teatro, seminários, oficinas, movimentos sociais, piqueniques, projetos de leitura, criação de jogos e rodas de conversa sobre temas educacionais. Isso demonstrou que o aprendizado não é unidirecional e que a interação entre a educação escolar e a cultura do aluno gera novas perspectivas e estratégias de ensino-aprendizagem.

Percebemos que o PIBID proporcionou aos bolsistas uma reflexão crítica sobre a relação entre a teoria estudada no curso de Pedagogia e a prática vivenciada nas escolas, tornando a realidade educacional mais contextualizada. A participação no subprojeto também criou espaços para refletir sobre as experiências escolares, promovendo a teorização sobre a prática por meio da coleta e análise de dados, formulação de problemas e conclusões, estimulando o desenvolvimento dos bolsistas como pesquisadores.

Enfim, a educação exige um constante aprimoramento por meio de pesquisas críticas que analisem as áreas que necessitam de melhorias, e a adoção de novas metodologias que promovam resultados mais eficazes no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, promover a articulação entre teoria e prática envolve a interpretação de dados e informações, garantindo a compreensão da prática observada e o diagnóstico do funcionamento escolar, com base no compromisso dos pesquisadores com a organização e a democratização da aplicação desses conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. A experiência de si: a construção da subjetividade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 43, p. 41-56, 1994.

LARROSA BONDÍA, Jorge. *O saber de experiência: uma proposta de uma pedagogia da experiência*. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, M. C.; et al. A narrativa de histórias de vida como prática de pesquisa. *Educar em Revista*, n. 31, p. 27-34, 2007.